

Através da Janela: vídeo online em dias de tempos e espaços desarticulados¹

Marcus Bastos²

Talvez o nome do sistema operacional da Microsoft nunca tenha assumido um sentido tão particular quanto nos tempos que estamos vivendo. Windows. As janelas (físicas e virtuais) tornaram-se, de um dia para outro, o principal elo das pessoas com o mundo que as rodeia. Esse fato foi apontado em artigo recente de Giselle Beiguelman, na revista *Select*, onde ela afirma que “o confinamento dá vazão a novas formas de ativismo e a estéticas construídas através das janelas”³. Se o texto de Beiguelman permite entender o aspecto público desse fenômeno, também existe um outro aspecto dessas estéticas do confinamento, que se dá em âmbito privado.

O *timeline* do aplicativo de compartilhamento de vídeo *Tik Tok* permite aferir de forma intuitiva como aumentou o tempo em que as pessoas parecem estar testando com o olhar os limites do que é possível enxergar através de suas janelas (em outras redes sociais, como o Instagram, também se tornou mais comum fotos através da janela, mas no *Tik Tok* o fenômeno é muito mais intenso). Apesar dos *timelines* desses aplicativos serem muito personalizados em função do interesse do usuário, acredito que seja razoável considerar essa amostra nada científica de um único caso, a partir de onde foi observado esse aumento do vídeo através da janela, um retrato do que provavelmente muitas outras pessoas também estão percebendo.

¹ Texto escrito entre 3 e 4 de abril de 2020, e revisado em 5 de abril, levando em conta os comentários generosos de Christine Mello e Lucas Bambozzi, feitos a partir da leitura de um primeiro rascunho.

² Doutor em comunicação e semiótica pela PUC-SP, onde é professor, e professor temporário da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP; artista, curador e pesquisador nas áreas de convergência entre arte, design, audiovisual e mídias digitais; membro do Grupo de Estudos Humanidades Computacionais do IEA-USP.

³ Beiguelman, Giselle. Coronavida 2.0, in: revista *Select*. <https://www.select.art.br/coronavida-02/>

Claro que o uso principal ainda é servir de janela através da qual as pessoas compartilham momentos de sua vida íntima (continuam por lá as pessoas que dão soquinhos na tela dançando ao som do sucesso funk do momento), circulam memes (e obviamente o número de piadas e gracejos relacionados ao coronavírus aumentou exponencialmente⁴) e publicam cenas com flagras de cenas espantosas, divertidas ou desabonadoras (de acidentes aéreos a colisões de caminhão⁵, passando por tombos espetaculares, na linha das videocassetadas da televisão⁶, e uma estranha luz que surge no céu, que parece um óvni registrado pela câmera de segurança de um prédio, num exemplo que se aproxima mais dos temas que serão desenvolvidos adiante, na medida em que apresenta uma tela representada dentro de outra). Mas desde que iniciou a fase mais rígida do confinamento em função da Covid-19, parece que um número significativo de pessoas inverteu a direção para onde apontam as câmeras de seu celular, publicando cenas de tudo o que acontece com seus vizinhos. É como se houvesse um giro que desvia as lentes dos enquadramentos narcisistas para uma mirada mais voyeurista.

Em passeios regulares pelo *timeline* do Tik Tok é possível se deparar com esse olhar indireto para a vida alheia, que mostra cenas em terraços e lajes⁷, gente dançando na janela⁸, um cara pulando corda na sacada do prédio⁹, outro flagrado supostamente traindo a

4

https://www.tiktok.com/@guaranisalice/video/6805900495270530309?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tamp=1586113609&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

5

https://www.tiktok.com/@phoolluuu007/video/6790410875569196290?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tamp=1586099982&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

6

https://www.tiktok.com/@sind013/video/6797894068505545990?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tamp=1586100043&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

7

https://www.tiktok.com/@arthur.steele/video/6810815756368989445?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tamp=1586100538&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

8

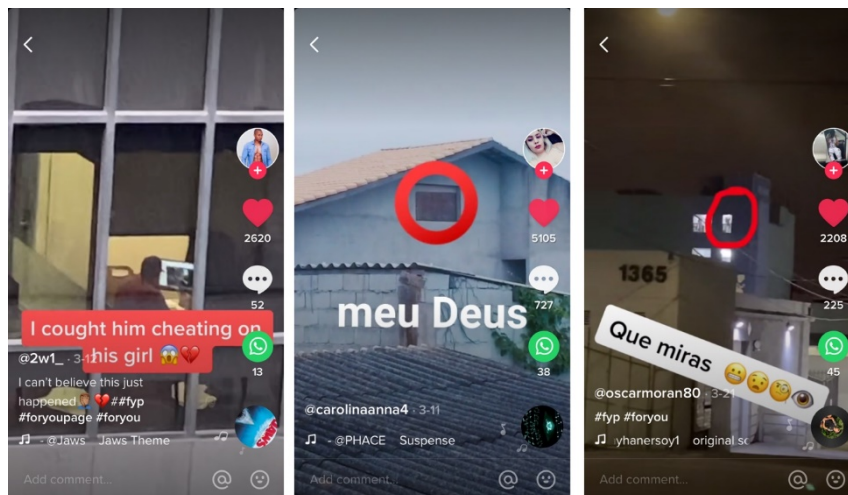
https://www.tiktok.com/@arthur.steele/video/6810815756368989445?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tamp=1586100538&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

9

https://www.tiktok.com/@tonguetwister2/video/6810482556304198917?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tamp=1586100283&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

m

companheira virtualmente¹⁰, uma mulher regando a grama no quintal de uma casa em que a cerca de madeira tem no centro uma pequena janela com a moldura cor de laranja, efeitos cascata em que janelas de prédio aparecem através da janela eletrônica da televisão¹¹, e cenas em que as janelas surgem como um limite intransponível, que esconde mais que revela o que se passa do lado de lá desse duplo recorte¹², que agora se tornou mais rotineiro conforme as pessoas são obrigadas a passar muito mais tempo vivendo diante de telas. Já tem surgido até uma certa gramática do vídeo através da janela: há vários vídeos em que é aplicado um círculo vermelho em volta de um detalhe¹³ e também alguns que começam com a câmera apontada para a pessoa que filma e depois voltam-se para fora¹⁴. A rapidez de escrita deste texto faz com que infelizmente não seja possível entrar numa análise mais detalhadas destes vídeos, pois eles mesmo têm elementos que vão além desses aspectos formais mais gerais que mereceriam ser mais bem discutidos.



¹⁰

https://www.tiktok.com/@2w1/video/6803423609126751493?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tampt=1586100387&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

¹¹

https://www.tiktok.com/@vitorb440/video/6812277460709674245?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tampt=1586113320&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

¹²

https://www.tiktok.com/@luanapsaraujo/video/6811689538872691974?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tampt=1586113685&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

¹³

https://www.tiktok.com/@eddblaze/video/6794931278564035845?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tampt=1586100480&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

¹⁴

https://www.tiktok.com/@lsprado/video/6807393288253951237?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tampt=1586100315&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=copy&utm_source=copy&source=h5_m

Um aspecto interessante desse fenômeno é o caráter de dupla mediação que ele revela. As câmeras deixam de ser o limite dos enquadramentos e as quatro linhas que contêm as imagens que se movimentam na tela tornam-se objeto de outro recorte: o quadrado da janela, que delimita uma segunda área dentro do quadro através do qual se olha para o mundo através da câmera. O fenômeno também é mais amplo, pois há muitas cenas de telas de TV e telas de celular, que também provocam esse efeito de um quadro dentro do outro. Esse tipo de imagem de dupla mediação não é exatamente a novidade, em aplicativos do tipo, mas o aumento de cenas através da janela acrescenta ao procedimento um olhar intrusivo que não era tão presente antes das pessoas serem obrigadas a passar tanto tempo dentro de suas casas.

Outro aspecto foi ampliado pelo teórico da mídia alemão Wolfgang Ernst, em email em que ele comenta as ideias deste texto¹⁵, especialmente a proposta de discutir como as pessoas estão vivendo através de dois tipos de janela: uma física, que as liga ao mundo imediato; outra virtual, que as liga ao mundo remoto. Ernst aponta como a proposta de resgatar alguns exemplos de representação através da janela na história da arte e do audiovisual (o que será feito nos próximos parágrafos) lembra o modo de trabalhar adotado em meu artigo **Sobre Transmissões: pontes entre o século 19 e 21**¹⁶. E sugere que essa relação entre as janelas físicas e digitais pode ser fundamentada num aspecto da materialidade de ambas: “A ‘verdadeira’ matéria da janela, que é o vidro, ao mesmo tempo é o material de que os microchips que processam toda essa telecomunicação digital são feitos: silicone (a perspectiva da arqueologia da mídia radical, que faz análises de dentro das tecnologias envolvidas)”. Essa coincidência de materiais aponta para uma ligação visceral entre telas e janelas.

O olhar através da janela não é novo, mas nunca foi tão intenso e (como no caso das duplas mediações já comentado) tampouco esteve tão submetido a esse desejo de invadir o espaço do

¹⁵ Um resumo das ideias iniciais para o desenvolvimento deste artigo, **Através da Janela: vídeo online em tempos e espaços desarticulados**, foi enviado em 3 de abril para Wolfgang Ernst. Na mensagem, havia um pedido de autorização para citar um comentário que ele havia feito em comunicação anterior, sobre o fato de estarmos vivendo em tempos desarticulados, e uma explicação breve dos temas a serem desenvolvidos. Além de autorizar a citação, ele fez alguns comentários, entre eles esta afirmação: “The “real” window matter, which is glass, at the same is the material of which microchips which process all such digital telecommunication consists: silicon (the “radical” media-archaeological view, which does analysis from within the involved technologies). And indeed, not only spatial, but temporal irritations occur with the current shift from real places (like universities!) to ‘home office’”.

¹⁶ Bastos, Marcus. **Sobre transmissões: pontes entre o século 19 e 21**. Curitiba: revista Científica /FAP v. 19 n. 2 (jul./dez. 2018). <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/2436>. Texto escrito originalmente em inglês, durante estágio de pesquisa na Universidade Humboldt de Berlin, sob supervisão de Wolfgang Ernst, e financiado pelo programa PIPEq, da PUC-SP.

outro. Um quadro de Vermeer ajuda a pensar um pouco melhor os pontos de partida desse olhar através das janelas. Em **Garota lendo uma carta** (1657-9), essa sensação de dupla mediação é articulada de forma bastante complexa. O efeito *trompe-l'oeil* produzido pelo posicionamento de uma cortina num primeiríssimo plano sugere que a posição de quem olha para o quadro é aquela de alguém que espia de forma furtiva um acontecimento íntimo. Não estamos diante de uma janela, mas do modo como a imagem é construída há uma barreira que separa o mundo do observador do mundo apresentado na pintura. Ao contrário dos quadros renascentistas, por exemplo, em que as quatro linhas que delimitam a imagem funcionavam como uma janela de acesso direto ao mundo, em Vermeer está sugerido um acesso indireto, parcialmente interrompido por uma barreira que modula o olhar. Nesse aspecto, há uma semelhança com os vídeos publicados no Tik Tok em que a presença da janela (ou de telas dentro da imagem) produzem uma dupla mediação na forma de um enquadramento dentro de outro, ainda que em **Garota lendo uma carta**, esse recorte esteja sugerido pela divisão da tela em dois, em vez da presença completa de um quadrado dentro de outro.



Além disso, o próprio acontecimento apresentado na imagem revela uma pessoa diante de uma janela. Mas curiosamente, a garota representada na pintura não está olhando para fora de seu quarto. Ela fita a carta mencionada no título da obra. A carta, na época em que o quadro foi pintado, era a forma de acesso remoto ao mundo exterior. O interesse da personagem do quadro não é o seu entorno imediato, mas no que acontece longe. Em **O chapéu de Vermeer**, Timothy Brook afirma que o quadro retoma um tema que aparece em algumas obras de Vermeer, do cortejo da mulher pelo homem, ainda que neste caso o homem só apareça de forma indireta: “O homem tem uma presença no quadro, mas apenas *in absentia*: a carta que a mulher está lendo. Ele está longe, talvez a meio mundo de distância. Ela lê próxima da janela, mas a janela não está apenas entreaberta dessa vez. Ela está

completamente escancarada. O homem está em outro lugar, capaz de falar com ela apenas através das cartas”. Portanto, mesmo que não exista uma situação de confinamento radical, como a que estamos experimentando, o quadro representa uma cena de separação, da impossibilidade de duas pessoas estarem juntas, de um contato que só é possível de forma mediada.

Brook afirma que Vermeer pintou muitos de seus quadros olhando através da janela de seu ateliê. O artista holandês também repetiu este enquadramento que mostra alguém diante de uma janela em outras obras – em **O geógrafo** (1669), o personagem principal segura um compasso sob um mapa, enquanto olha através da janela; em **Os jogadores de carta** (1655), o casal disputa uma partida, sentado à mesa diante de um janela; em **O pintor em seu estúdio** (1666), uma cortina cobre a janela, e percebemos apenas a luz que entra no espaço. Ao falar desta última obra, Rudolf Frieling¹⁷ aponta o uso de instrumentos óticos feitos pelo pintor, o que também permite estabelecer um elo entre suas obras e a materialidade do vidro, tornando ainda mais complexo o jogo de reverberações anteriormente sugerido por Ernst. Ao obter a riqueza de detalhes e o resultado de realismo quase fotográfico de suas obras, Vermeer está fazendo uma pintura que só é possível pelo filtro da luz através de lentes e espelhos que o ajudam no processo de criação da imagem. Não seria completamente descabido interpretar essa passagem da luz por dispositivos óticos como uma espécie de processo de filtragem através de janelas metafóricas que habitam os bastidores da pintura.



Já mais próximo de nossos dias, em **Escritório numa cidade pequena** (1953), Edward Hopper representa um homem sentado numa mesa, em um balcão amplo em que há duas

¹⁷ <http://www.medienkunstnetz.de/works/malkunst/>

janelas. A primeira delas ocupa uma parte significativa do enquadramento. É através dela que temos acesso à figura solitária, despregada do mundo que a rodeia exibido pela imagem. O homem observa o prédio diante de seus olhos através da outra janela. Tanto a relação de quem olha para o quadro com a cena representada quanto a relação do personagem com o mundo que ele habita se dão por meio dessa dupla mediação. Nesse caso, há um efeito paradoxal, pois a proximidade visual, estabelecida por meio dos olhares recortados pelas quatro linhas em ângulo, que redesenham o espaço da pintura a partir de seu próprio interior, resulta num certo afastamento calculado. O homem no escritório parece inatingível, como se o olhar do espectador não pudesse afetá-lo, nem desvendar completamente sua atitude. E ele mesmo mostra-se alheio ao seu entorno, como se investido de uma curiosidade enfraquecida, um desejo que não se projeta completamente para o mundo exterior.

Essa dupla mediação não aparece, obviamente, apenas na pintura. Deixando de lado o exemplo inevitável de **Janela Indiscreta**, de Hitchcock¹⁸, um filme mais recente merece atenção. **Videodrome** (1983), de David Cronenberg, explora esse modo de representação em que há um recorte interno à imagem, a partir de um universo que remete às experiências mediadas dos tempos do coronavírus de uma forma mais direta (incluindo os aspectos distópicos). Todavia, nesse caso não há janelas, mas aparelhos de televisão, em sintonia com o momento de explosão do VHS em que o filme foi feito. Em **Videodrome**, um dos personagens, o filósofo Brian O'Blivion, vive recluso em sua casa e só se comunica com o mundo exterior através de transmissões que faz a partir de seu próprio estúdio (atitude que ele considera ser pioneira de um futuro em que as pessoas só vão se comunicar através da tela da televisão).

Se O'Blivion parece familiar, tomara que o resto do filme não seja um prenúncio dos efeitos que o corpo pode sofrer como resultado da necessidade que estamos tendo de passar tanto tempo dentro de casa e em frente de telas. Em **Videodrome**, o personagem principal, Max encanta-se com um programa que é um misto de *reality TV* com *snuff films*, em que os participantes são torturados de forma violenta e morrem diante das câmeras. No desenrolar do filme, a namorada de Max desaparece tentando encontrar os estúdios onde o **Videodrome** é produzido, e ele parte em sua busca. No processo, ele descobre que as mortes no programa são reais, e que o *videodrome* é uma espécie de movimento clandestino. Ele também começa a ter alucinações e sofrer mutações no corpo, o que ele descobre ser um efeito colateral de

¹⁸ Cf. Beiguelman, Giselle. **Coronavida 2.0**, in: revista Select. <https://www.select.art.br/coronavida-02/>.

assistir ao **Videodrome** em excesso. Na cena que talvez seja a mais icônica do filme, Max alucina estar mergulhando na tela de televisão, numa espécie de fusão simbiótica entre corpo e tela.



Apesar de o filme ser um exemplo radical, com os devidos exageros que a ficção científica costuma cometer, essa simbiose entre o corpo e a tela vem acontecendo, em certa medida, na vida contemporânea. Num artigo de 2002 que tratou dos primeiros passos desse processo, o autor deste texto escreveu que na cultura digital “a construção da identidade e da intimidade (...) estão relacionadas às formas pelas quais nos projetamos por meio de câmeras”¹⁹. O artigo em questão fazia uma rápida leitura crítica de *33*, filme em que Kiko Goifman registra a busca por sua própria mãe biológica, em um dos primeiros documentários em que o diretor se torna também personagem do filme. De lá para cá, esses processos de autorrepresentação aumentaram exponencialmente. Fenômenos como a série de vídeos *If every girl had a Diary*²⁰, em que a jovem artista Sadie Benning filma cenas íntimas em seu quarto, usando uma câmera de brinquedo, ou o suicídio performático do artista Franco Mattes, no site que permitia conversas por vídeo anônimas e aleatórias na internet, Chat Roulette²¹, surgem como exemplos que antecipam uma situação em que um número cada vez maior de pessoas passa a compartilhar suas vidas através das janelas digitais de seus computadores, e depois celulares.

¹⁹ Bastos, Marcus. **33: decifro-me e você devora**, in: revista **Trópico**.

<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2098.1.shl>

²⁰ <http://www.vdb.org/titles/if-every-girl-had-diary>

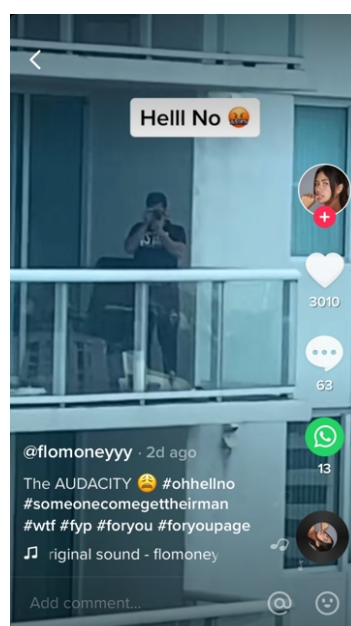
²¹ <https://rhizome.org/community/44045/>

E, agora, parece que surge uma variação desse fenômeno: tornar pública uma intimidade compartilhada, relacional, incompleta, furtiva, forçada pela proximidade distante de pessoas que, apesar de morarem umas do lado das outras, não podem mais se encontrar no espaço público. Ficar tanto tempo em casa parece ter despertado em um número significativo de pessoas o desejo de adentrar o espaço do outro a todo custo, mesmo que isso aconteça pela mediação das lentes de uma câmera ou, o que é muito mais comum, do celular. É uma espécie de generalização videográfica dos processos de invasão de privacidade que a internet atual permite – com a diferença que, de forma mais ampla, as pessoas vêm sendo invadidas por grandes corporações que colhem seus dados para fazer todo tipo de uso, ao passo que esse aumento de vídeos em que as pessoas filmam seus vizinhos no Tik Tok acontece na esfera individual e privada.

O aspecto intrusivo desse gesto de apontar a câmera para o espaço do outro aparece numa obra que, além de retomar a questão da representação da janela como um elemento de sua configuração, introduz esse elemento (mais contemporâneo) da invasão de privacidade. **4 Paredes**, de Lucas Bambozzi, é uma instalação interativa em que o participante se vê diante de uma janela através da qual uma mulher olha em sua direção. Trata-se de uma janela real, conforme o texto descritivo do projeto, “resgatada de demolições, que deve carregar vestígios da parede a que pertenceu”. O vídeo está projetado sobre essa superfície, numa sobreposição entre físico e digital que enriquece as formas de diálogo entre vídeo e janela discutidas neste texto. Conforme o participante se aproxima, a mulher que aparece na cena interage com ele, até o ponto em que ao chegar mais próximo da tela ela reage com um gesto enérgico de repulsa. A ambiguidade da situação, que se transforma de um aparente convite (ilusão produzida pelo desejo do observador?) numa rejeição explícita, remete diretamente ao caráter invasivo embutido no processo de dupla mediação ao filmar através de janelas.



Uma dessas cenas que circularam pelo *timeline* do Tik Tok recentemente parece condensar esse jogo de mediações que as pessoas se tornaram obrigadas a incorporar em suas vidas. A usuária identificada como Flo flagra com seu celular um vizinho espiando sua sala de estar, com a ajuda da objetiva de uma câmera²². A quantidade de vidros e lentes que se interpõe entre os dois corpos é a medida dos filtros através dos quais as pessoas se relacionam atualmente. A irritação da usuária que se sente espionada pelo vizinho é incoerente com seu próprio gesto de registro da situação, num paradoxo que resulta do fato de que talvez ainda não estejamos nos dando conta do quanto nossas vidas estão sendo medidas pelo crivo destas proximidades distantes que as telas e janelas impõem.



Escolas e universidades têm conduzido suas aulas e atividades através de plataformas de teleconferência e trabalho em equipe. Clubes, museus e instituições culturais vem oferecendo programações regulares através de seus canais digitais, buscando formas de manter elos, mesmo que indiretos, com seus frequentadores. Em São Paulo, a Hebraica criou o canal Nossa Casa, que transmite pelo Instagram um ou dois *lives* temáticos diários, um à tarde e outro à noite, além de inserções esporádicas, especialmente no final de semana. A Pinacoteca também criou seu canal, o Pinacoteca em Casa, através do qual já fez uma abertura virtual da exposição dos Gêmeos, na forma de um *live* no Instagram com seu diretor, Jochen Volz, e uma fala crítica da curadora Ana Maria Maia sobre o artista Hudinilson. O Sesc também tem

22

https://www.tiktok.com/@flomoneyyy/video/6811210376298974469?u_code=dbcad1eghild60&preview_pb=0&language=en×tamp=1585897445&user_id=6805405099579835397&utm_campaign=client_share&app=musically&utm_medium=ios&user_id=6805405099579835397&tt_from=whatsapp&utm_source=whatsapp&source=h5_m

conduzido atividades frequentes nos canais de Instagram de várias de suas unidades, entre contação de histórias e aulas de ioga e ginástica.

Impedidas de circular, a vida das pessoas passou a acontecer através das quatro linhas que recortam as telas de suas janelas, seus computadores e seus celulares. O resultado é um embaralhamento de espaço e tempo que muitas vezes havia sido atribuído à experiência das redes digitais, mas até então nunca tinha sido experimentado de forma tão ampla e intensa. Hoje em dia, ir da casa para o escritório é sair do quarto para a sala de um apartamento. Ir do trabalho ao clube deixou de depender do Uber no final de semana e tornou-se uma experiência de sair de um aplicativo e entrar em outro, no meio da tarde de terça-feira. Fazer aula de xadrez ou ginástica só depende de desligar o notebook e pegar o celular.

O problema é que na verdade as pessoas não estão tendo muito tempo de fazer essas coisas. O artista Lucas Bambozzi descreveu a experiência atual como uma situação em que as instituições, para mostrar que estão ativas e explorando a lógica online, transformaram a vida das pessoas numa versão ininterrupta do livro *24/7 — Capitalismo tardio e os fins do sono*, de Jonathan Crary. O teórico da mídia Wolfgang Ernst disse que, como em Hamlet, o tempo ficou desarticulado. O artista alemão Alexander Peterhaensel afirmou que, ao dar aulas remotas para alunos que aparecem na tela apenas na forma de ícones, se sente dentro de um podcast ao vivo. Parece que as atividades feitas fora de casa funcionam como uma espécie de baliza que organiza o relógio das pessoas, e ficar em casa resulta numa situação em que aos poucos não fica mais tão clara a diferença entre a manhã, a tarde, a noite, o dentro e o fora. Diante disso, não parece tão inesperada essa explosão de vídeos em que as pessoas filmam através da janela, demonstrando um desejo de sair a todo custo das quatro paredes a que têm estado restritas.